

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIII Volume

Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

30 de Março de 1910

Composto e Impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

N.º 1125

Morte de João Rosa



ULTIMO RETRATO DE JOÃO ROSA, NO SEU GABINETE

dava o ultimo golpe de misericórdia, sem esquecer Taborda que foi o precursor da grande reforma da arte de representar, naturalismo e simplicidade que com elle nasceu, o segredo do artista da declamação moderna.

E' naquella época que João Rosa surge no teatro português, influenciado por seu pae, o Mestre que lhe confiava os segredos da sua arte, que o guiava já meio liberto da velha declamação, não completamente liberto para não destoar do conjuncto, e, talvez, porque a transformação radical seria superior ás forças humanas.

A influencia do meio era ainda intensa, o novel actor teria de lutar para a vencer, e seu animo um tanto indolente não lhe permitia a luta; João Rosa ainda declamou, com mais naturalidade é certo, mas não deixando de o fazer nos grandes lances dramaticos, do amor, apaixonado e romantico, que tantas vezes teve de representar.

Por muitos annos foi seguindo sua carreira sem extraordinario destaque entre os colegas, até que estes foram desaparecendo da cena do palco e da cena da vida. Então o artista afirma-se mais desassombradamente e sóbe no conceito publico; é já a geração moderna que o aprecia e

Actor João Rosa

Morrido para o teatro tinha elle havéra dois annos; para o mundo morreu agora, não porque demasiado lhe pesassem os annos, mas porque uma doença de espinha o atravava fatalmente para o tumulo, apagando-lhe os ultimos lampejos de luz na madrugada de 15 do corrente.

João Rosa apparece no teatro em 1864, pela mão de seu pae e mestre o actor João Anastacio Rosa. A estreia realisou-a no Porto, no Baquet, com a comedia de Cesar de Lima, *As joias de familia*. No anno seguinte apresenta-se em Lisboa, no teatro de S. Carlos, desempenhando um papel no drama *Ricardo III* e logo passa a D. Maria, onde seu pae era figura primacial, e ali faz o papel de galan no drama *Sabina Maupin*.

Recordar estes tempos é recordar a época mais gloriosa do teatro português, de autores e actores, e a que tivemos a fortuna de assistir. E' ver perpassar na mente um cortejo de artistas que iluminavam o palco com mais luz do que a da rampa e das gambiarras, a luz do genio, do talento. Eram Manuela Rey, a incomparavel ingenua, Emilia das Neves, a tragica da *Judith*, Emilia Adelaide, a romantica da *Morgadinha*, Emilia Candida e Delfina as grandes comicas, Tasso o galan dramatico por excellencia, Rosa pae, o mestre de todos, Taborda e Antonio Pedro, dois genios de actores, Theodorico, o pae nobre de todos os dramas, Epifanio, Marcolino, João Carlos dos Santos (Santos Pitorra) e quantos mais, que enchiam a cena e dominavam as plateias.

Prevalecia o drama, declinava o romantismo e com elle a escola declamatoria, de que João Anastacio Rosa era o primeiro a emancipar-se, e João Carlos dos Santos lhe



A SAHIDA DA EGREJA DOS MARTIRES, ACTRIZES E ACTORES ENCORPORAM-SE NO PRESTITO

(Fotografias Benoliel)

para essa geração elle representa. A obra de Santos Pitorra sabia proficua e completava a escola iniciada por João Anastacio Rosa, em que seu filho fôra educado e na qual agora se encontrava á vontade.

E' vastissimo o repertorio de peças a que João Rosa ligou seu nome como principal interprete, desde o teatro romantico de Dumas pae, Soulié, Feuillet, Bourgeois, D'Ennery, traduzidos e imitados por Mendes Leal, Biester, Rangel de Lima, Ricardo Cordeiro, etc., até o repertorio moderno, de novas teses, novos processos (como agora se diz), e que João Rosa representou na sua longa carreira teatral de quasi meio seculo.

O seu talento de actor demonstrou o tanto, no galan amoroso apaixonado, que vence o coração da mulher amada enleando-a em liames de ternura irresistiveis, ou arrebatando-a em lances de paixão exaltada, como na variada escala de papeis de centro, protogonista, dos grandes dramas ou das finas comédias, comovendo até ás lagrimas ou até ao riso, o segredo do verdadeiro comico.

Foi assim João Rosa, ora comovendo hoje as plateias com o padre cego, nos *Velhos*, ora no dia seguinte fazendo vibrar a nota comica no seu papel de Bernard na *Zizá*.

Os sessenta e tantos annos que ia contando, desapareciam no palco como por encanto se elle tinha de representar um papel de novo. Era o artista com a sua arte mais possante que os annos que lhe pesavam.

A vida de João Rosa decorreu serena, sem esses accidentes que contrariam uma carreira e provocam para a luta difficil. João Rosa dedicou se ao teatro e para elle viveu na cena como o artista no seu atelier pintando ou esculpindo, arrancando ao pincel ou ao marmore as personagens da vida real, ou as figuras das lendas, da fantasia.

Nascido em Lisboa a 18 de abril de 1843, com seu pae, o grande Mestre, foi educado, e com elle entrou pela primeira vez no palco.

O teatro de D. Maria, foi o reduto em que melhor se fortificou e fez suas armas com que tantas glorias fruiu. Dele se apartou uma vez ou outra para divagar pelos teatros da Trindade, do Principe Real, das Variedades, além dos teatros do Porto, onde foi com as companhias de que fazia parte.

No teatro Normal, porém, é que era o seu logar, e todos estão ainda lembrados das brilhantes épocas que ali fez a empresa Rosas e Brazão.

Devia aquelle teatro ser então uma escola, como já o tinha sido e de sua constituição o era, mas a escola não produziu discipulos e d'ahi cahiu em censuras. Os mestres abandonaram por fim o Normal e fôram para o D. Amelia.

João Rosa teve neste teatro os seus ultimos triunfos, no moderno repertorio de peças que ali representou. As suas ultimas creações fôram o padre do *Solar dos Veiros* e o galan nas *Foguetas de S. João*. Foi a sua despedida, arrastado pela doença que poucos annos depois o levou á sepultura.

E' estensa a lista das peças em que entrou; não deixaremos, porém, de mencionar as principaes, que encontramos relacionadas na *Encyclopedia Portuguesa Illustrada*:

O Alfageme de Santarem, o *Cardeal de Richelieu*, os *Fauschambault*, a *Estrangeira*, a *Dôr Suprema*, a *Sociedade onde a gente se aborrece*, a *Fedora*, *Leonor Telles*, *Grande Industrial*, *Morta*, *Velhos*, *Triste viuvinha*, *Abade Constantino*, *D. Cesar de Bazan*, *Luiç XI*, *Fidalgos de Bois Doré*, *Nobres e Plebeus*, *Beatriz*, *Patria*, *Filha unica*, *Opinião publica*, *Filho de Giboyer*, *Mulato*, *Fedora*, etc., etc.

Até aqui o artista, agora o homem.

Se João Rosa como artista foi de uma probidade inexcédível, não o foi menos como homem corréttissimo em todas as suas relações com a sociedade, para o que, além de seu carácter natu-

ralmente bom, dispunha de educação primorosa. Tendo lido muito e viajado no estrangeiro, illustrara seu espirito como poucos da sua classe, o que lhe valia a consideração e acatamento que lhe tributavam, muito especialmente os colegas e empregados do teatro, tratando-o sempre pelo sr. João, sem que isso envolvesse ideia de servilismo, mas antes um natural respeito que ficara tradicional do tempo de seu pae.

Quanto João Rosa era estimado e querido testemunhou-o seu funeral, que foi uma verdadeira, sincera manifestação de pesar pela morte do notavel artista e do bom amigo, em que tomaram parte colegas, amigos e admiradores.

O prestito, que sahiu da igreja dos Martires para onde o corpo viera depositado da Casa de Saude de Bemfica, desceu o Chiado e dando volta ao Rocio, teve uma paragem de respeito



JOÃO ROSA, ANTES DE SE RETIRAR DO THEATRO

defronte do teatro de D. Maria, onde o finado artista teve suas maiores noites de gloria, depois seguiu até ao alto de S. João, onde o corpo foi repousar no tumulto junto do de seu pae.

CAETANO ALBERTO.

CHRONICA OCCIDENTAL

O grande agricultor José Maria dos Santos, querendo vender o seu vinho, e não querendo deixar-se beber pelos commerciantes que pretendiam pagar-lhe'o pelo preço da agua, fez o que toda a gente sabe: poz o vinho a correr a meio tostão o litro. Aperte estes ossos, amigo José Maria dos Santos!

Póde algum convencer-se de que este agricultor esteja perdendo dinheiro no negocio que está fazendo, só para satisfação do seu capricho? Não nos parece. Ninguém perde dinheiro por gosto, e elle não teria necessidade de o perder, pois não faltava quem lhe comprasse o vinho a preço remunerador.

Fizessem todos os grandes productores outro tanto, e veriamos então resolvidas umas poucas de crises que se apresentam sem solução.

Não. O que o sr. José Maria dos Santos está fazendo é simplesmente isto: contentar-se com pouco. Mas os outros é que só se contentam com muito, e d'ahi a razão de tanta deficiencia, de

tanta escassez, de tanta miseria na vida do povo consumidor que é a victima de todos elles.

Portugal é um paiz principalmente agricola, mas essencialmente commerciante. Se a agricultura é a occupação predominante da população portugueza, a sua principal aptidão é o commerciar. A população que se desloca dentro do paiz, em procura de residencia permanente fóra da terra da sua naturalidade, vae sempre em busca e atraído pelas collocações commerciaes. E' frisante, mesmo nas profissões agricolas e industriaes, a facilidade com que se commercialisam, fermentando na especulação das transações o lucro que não sabem achar no exercicio propriamente profissional.

Esta tendencia pronunciada da população portugueza, como já o disse um economista illustre, é talvez mesmo um caso de atavismo, que está fazendo emergir no feitiço nacional moderno uma aptidão antiga da nossa raça.

Outra coisa não foram senão empresas commerciaes, heroicas empresas é certo, as descobertas e as conquistas mais gloriosas da nossa historia. O que principalmente fizemos e ensinamos por esse mundo fóra foi commerciar. O espirito de aventura que nos impeliu então, e a sedução de riqueza e poder que nos attraía não encontra nas fórmulas de actividade moderna nenhuma que melhor empregue e satisfaça aquellas qualidades. A velocidade com que os capitales circulam no commercio remunerou muito mais depressa a perspicacia que ali encontrou mais facil campo de manobra, e oferece maiores probabilidades de enriquecimento a curto praso do que qualquer outra profissão.

Antigamente, as nações encontravam nas guerras e na exploração irracionalmente violenta das colonias a sua fonte mais importante de receitas, mas com o desinvolvimento da civilisação, e, mercê de uma melhor compreensão dos direitos e deveres do homem, com a abolição da escravatura, a situação foi-se modificando. As conquistas scientificas começaram a exercer gradualmente uma revolução, que não tardou a dar-se de cima a baixo, na maneira de ser dos estados e nas suas relações entre si.

Com a descoberta da maquina de vapor conseguiu-se que os meios de transporte adquirissem a velocidade maravilhosa de que hoje nos aproveitamos, dando ao commercio internacional uma regularidade e uma rapidez admiraveis. Com a liberdade dos mares, assegurou-se o constante progresso da marinha mercante dos diversos paizes, permitindo que os seus navios sulcassem todos os oceanos. Finalmente, com o direito publico internacional, assente em solidas bases e propagando-se a todo o mundo civilisado, ponde o trafico mercantil adquirir as suas actuaes proporções, cuja enormidade nunca os nossos avoengos poderiam prevêr.

Como temos nós, porém, portuguezes, utilizado em proveito proprio tanta conquista e tanto progresso?

Triste coisa é dizê-lo.

Estamos hoje como estavamos hontem, ou antes estamos peor, porque hontem ainda tinhamos as nossas colonias e hoje já não podemos dizer que as temos, e todos sabem por quê.

Do immenso movimento internacionalista que tanto preocupa a outros paizes, nós não temos participado por nenhum modo util e eficaz. Basta dizer que não temos uma marinha mercante que geito tenha, e tem-se dito tudo.

A lueta commercial é hoje o primeiro factor da elevação económica, financeira e politica dos estados, e d'esta afirmação fornecem sobejas provas as tarifas protectionistas, habilmente maneja-das por sagazes estadistas europeus e americanos, tendo por fim umas vezes a defesa da industria nacional, outras obrigar diversos estados á aceitação de tratados de commercio. As guerras commerciaes, que se travam sem piedade no meio das mais captivantes demonstrações de cortezia, e em plena paz, sem intervenção de milicias, são de efeitos decisivos, e é por isso que nos paizes mais bem orientados os governos se occupam com toda a solitudine de desenvolver e activar o commercio nacional, já directa, já indirectamente.

Para Portugal, dir-se-ia que tal lucta não existe, que taes guerras se não dão. Não porque não se fale d'ellas, mas pelo nenhum caso que d'ellas se faz. Quando alguns dos nossos estadistas se lembra de elaborar uma pauta proteccionista, ou de negociar um tratado de commercio, é porque a conveniencia lhe aconselha a servir alguns amigos que querem montar uma fabrica ou se dedicam á exportação da cortiça.

As estatísticas vão assignalando, entretanto, que a população que commercia em Portugal é de cerca de seis por cento da população activa. O commercio das nossas mais importantes mercadorias — faz-se com um espantoso numero de intermediarios. O verdadeiro commerciante, de vinho ou de cortiça, por exemplo, desdobra-se tanto para o lado do productor como do consumidor, em dois, tres, ás vezes até em cinco intermediarios, elevando a exageros revoltantes o preço do custo commercial, que agrava igualmente a produção e o consumo.

Ao mesmo tempo o commercio, dividindo-se cada vez mais, vaé simultaneamente distribuindo em parcelas cada vez mais reduzidas a massa das mercadorias sobre que trabalha, exigindo assim, para poder manter-se, uma percentagem de lucro progressivamente maior.

Ainda se todos estes amigos, que tão bem se entendem para a esfolia do consumidor, fóssem só compatriotas nossos, nossos irmãos embora como Caim o foi de Abell Mas o que acontece é que de dia para dia cresce a invasão estrangeira nas classes commerciaes elevadas, repellido as nacionaes para o pequeno commercio e para os generos menos importantes: o commercio dos productos coloniaes, o das cortiças, o do vinho do Porto em avultada parte, o das conservas de peixe, está nas mãos de estrangeiros, e ninguem já lh'o arranca.

O commercio está-nos na massa do sangue, mas nos globulos que ainda nos restam do sangue dos mouros. Que os respeitaveis membros da Associação Commercial e da dos Lojistas nos desculpem a franquesa, mas é isto o que a chronica é constrangida a pensar em presença do que se está vendo. O commercio que merece este nome, e tal como elle é modernamente compreendido, não pôde já ser o que só se aprende ao balcão, sem outros preparatorios que não sejam os de alguns annos de marçano, a pesar batatas e cebolas e a desprezar caixotes.

JOÃO PRUDENCIO

Concurso para o monumento da Guerra Peninsular, no Porto

Como prometemos no n.º 1123 desta revista, reproduzimos hoje as maquetas que obtiveram o segundo premio, terceiro premio e menções honrosas.

A que alcançou o segundo premio é, como se disse no referido numero, dos srs. Antonio e José Teixeira Lopes, dois artistas já consagrados pela critica, e que mais uma vez vieram afirmar seus talentos neste concurso. A descripção desta maqueta já se fez no n.º 1123.

A maqueta a que foi conferido o terceiro premio é de um artista novo, sr. Joaquim Gonçalves da Silva, novo não é precisamente o termo, mas antes pouco conhecido por que raro se tem manifestado. Entretanto, a sua obra tem valor, revela extraordinario sentimento, tem a inspiração do poeta, conta uma historia em que ha vida nos personagens dos grupos que formam o monumento, e que impressionam fundamente, chegando ao coração.

Cremos que o juri se pronunciará com dificuldade entre tantos projectos de valor e mais de uma vez hesitaria na preferencia.

Uma das menções honrosas coube á maqueta do sr. Fernandes de Sá, artista já muito conhecido e de talento provado, Fernandes de Sá é um impressionista, como bem o demonstrou na sua figura de Fernandes Thomaz para o monumento a erguer-se na Figueira. Procura com grande interesse a verdade e assim destaca para o seu monumento um dos principaes heroes da Guerra Peninsular, que mais se distinguuiu, principalmente no norte, o general Silveira, conde de Amaran-te.

Esta preferencia é explicada por Fernandes de Sá nas poucas linhas de uma breve memoria com que acompanha o seu projeto assim descrito:

«O grupo principal é formado por soldados e paisanos no meio dos quaes avulta um oficial a cavallo, incitando os heroicos combatentes á defesa da patria.

E' o brigadeiro Silveira, simbolizando admiravelmente o nosso exercito. Como na época, e para a ocasião, todas as armas serviam, ao lado do soldado com a espingarda da ordenança apparece o camponês com o chuço, a foice, etc., o proprio tambor de marcha, que um rapazito percurte com entusiasmo, animando os companheiros para a luta, ao mesmo tempo que a alma popular se vaé manifestando tambem na piedade e carinho com



PROJECTO DE A. JOSÉ PACHECO E E. FRANCISCO FRANCO,
MENÇÃO HONROSA

que o velho patriota, incorporado no bando dos defensores da patria, socorre a primeira vitima a ella sacrificada n'essa guerra santa.

Variou-se assim a composição, visando-se a obter um grupo essencialmente impressivo e com uma linha caracteristicamente escultural, como convém a monumentos deste genero.

Contrastando com o vigor e impetuosidade dos portuguezes, a aguia napoleonica, dominada pelo heroismo daquelle povo, em vão tenta erguer o seu vô e ameaçal-o com as garras: derreada e ferida, fuge, para ir cahir exanime nos campos de Waterloo. Diz o eminente historiador Victor Duruy que a tentativa de Napoleão de dominar na Espanha foi uma das causas da queda do primeiro imperio.

Para além dos Pireneus, então, como ainda hoje, muita gente douta julga que a Espanha se estende até ás remotas plagas occidentaes da Europa, oferecendo todo o seu flanco ás ondas do Atlantico, cujos murmúrios embalaram a infancia e animaram o desenvolvimento duma outra nacionalidade.

Esta affirmou-se energicamente, de novo, vibrando ao moderno Alexandre um golpe mortal. Fê-lo o heroe de Chaves e da ponte de Amaran-te, o bravo Silveira, conquistando assim o direito de ser immortalizado no bronze dum monumento. Sem duvida é elle o primeiro que atinge com um tiro certo essa aguia que se lembrára de vir

pairar sobre o sólo da nossa patria, e, ferida, a abater e a fugir de Portugal.

Em um dos angulos do monumento e no seu primeiro plano, a figura da patria redimida ergue a bandeira nacional, tendo ao lado um leão, simbolizando a força; noutra angulo, como motivo decorativo apropriado, alguns emblemas de guerra, dispostos em trofeu»

Outra menção honrosa foi concedida á maqueta dos srs. A. José Pacheco e E. Francisco Franco. Este projeto tem um pouco a forma de obelisco, em volta do qual e sobre a base do mesmo se desenvolve um grupo de figuras bem movimentado e bem composto numa acção que exprime a grande luta travada, em que militares e paisanos fraternalmente se empenham.

Esta ideia, de resto, domina em quasi todos os projetos apresentados, como era intuitivo, e tudo só consiste na forma mais artistica e ao mesmo tempo sentimental de a exteriorisar.

Este concurso, bem como o de Lisboa, vieram revelar de modo eloquente o grande progresso da escultura em nosso país, que aliaz sempre tem tido artistas de valor.

As gravuras que apresentamos das maquetas foram-nos obsequiosamente cedidas pelo sr. Marques Abreu, da sua béla publicação *Arte*.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

O Marechal Massena

(Concluido do n.º 1123)

Como se trata actualmente da minha Nação serci modesto, não quero que me chameis *fanfarrão*, contudo é forçoso tambem dizer a verdade: a primeira cousa que vos digo é que não posso conceber como se accomode em cabeça humana, depois da experiencia que teve Sout e Ney o anno passado, o extravagante projecto de invadir Portugal com tanta ou menos gente, e em circumstancias mui peores para vós; vós sabeis, que apesar de fazerem estes dois marchaes evacuar os inglezes da Hespanha, apenas sobraram a Sout 20:000 homens para entrar na provincia do Minho; então não tinhamos tropas, estava ainda fresca a desorganisação, que Junot amigavelmente nos veiu fazer; assim mesmo ajudados pelos inglezes, estes marchaes perderam em um mez o que tinham ganho em quatro: quando pois agora nos achassemos no mesmo estado de abatimento, igual inimigo que quizesse combater-nos, teria a mesmissima sorte: mas, oh Massena, quanto tem mudado as coisas desde esse tempo para cá; as forças inglezas dobraram, e têm á sua testa o grande Lord Wellington, e as portuguezas mais que triplicaram, e é justo que saibais, que em tempo algum da nossa Monarquia teve um exercito tão numeroso, tão bem disciplinado; e o que vale mais que tudo, tão bem pago: se pois 60:000 homens o anno passado não poderam conquistar a Galliza e o Minho, hoje 180:000 homens não fariam mais: quantos pois Massena, seriam necessarios para conquistar plenamente a Galliza, e todo o Portugal? Confesso que não sei fazer esse calculo, e que vos envio este *bico-d'obra* para resolver. Mas vós, Vice-Rei, apenas mandais 60:000, e sabe Deus que tal gentinha é; como pois pretendeis invadir Portugal? Confesso que no presente tempo de maravilhas, se tal fizesseis, seria o maior dos milagres: porém eu creio que a esta hora estaes desenganado, e convireis commigo, que Bonaparte vos mandou para esta expedição a mais arriscada que tem havido depois da Revolução Franceza, para se desfazer da vossa pessoa, é pois ainda tempo de reparar este golpe fatal, e eu vos ensino o como.

Não vos aconselharei, que imitando o inimitavel Moreau, vós embarqueis para os Estados-Unidos, sei que não haveriam forças humanas que vos obrigassem a desprender-vos das immensas riquezas que possuís na França, pois passa como certo que sois ahi o particular mais rico, podeis contudo fingir uma doença de clima, mandando dizer a vossa saude, que vossa saude se tem desarranjado consideravelmente com os calores do

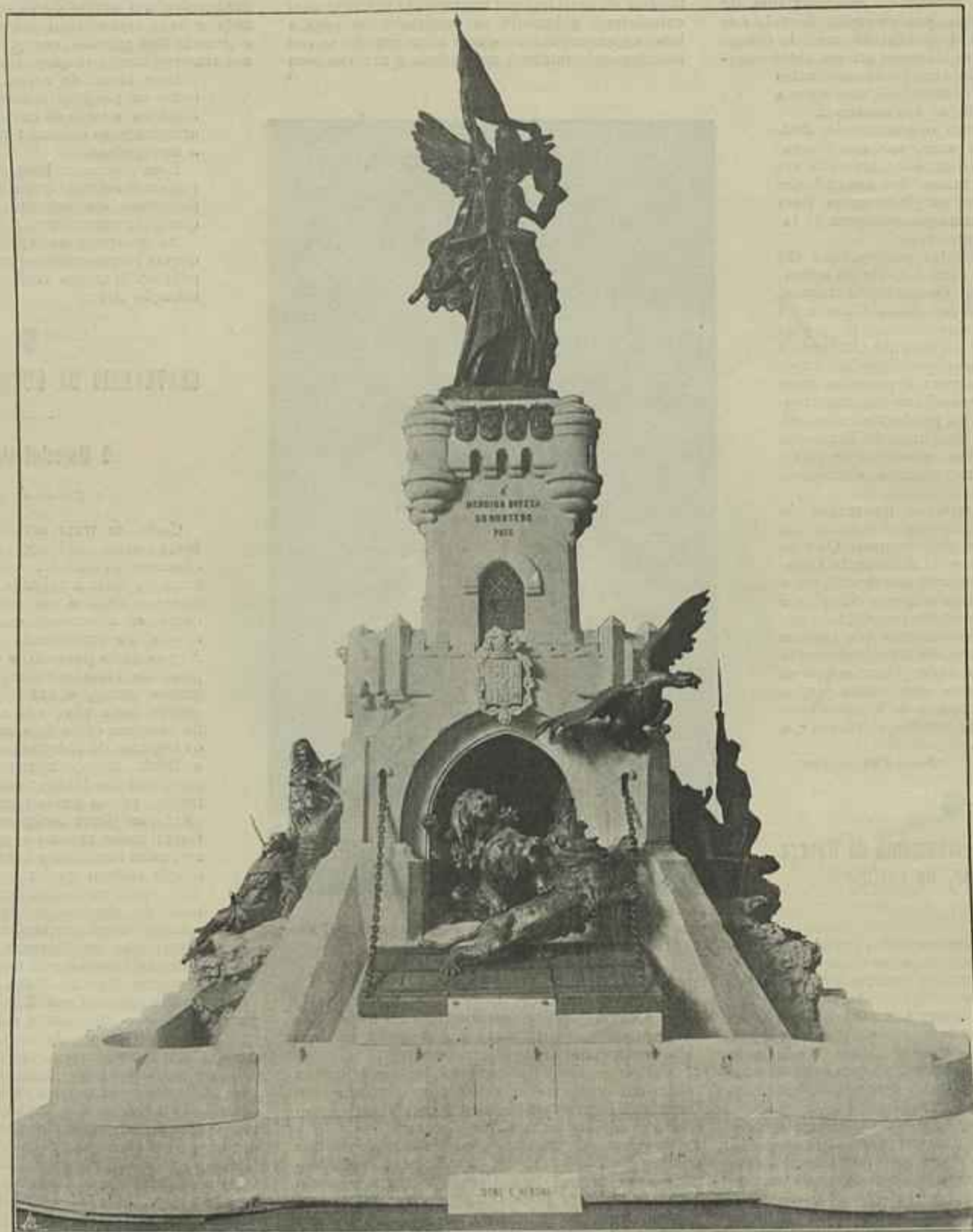
verão, e com a má qualidade dos alimentos; podeis mesmo accrescentar, imitando n'isto a *transcendente* philosophia do Rei cynico José, que as aguas de Salamanca e seus suburbios não cosem as comidas no vosso arruinado estomago, e que não podeis em consequencia principiar uma conquista, que exige muitas fadigas; boas aguas, e melhor digestão; retiraes-vos para a França, ide habitar a vossa bella e grande quinta sobre o

pois de o ter promettido em alta voz ao seu *rebanho legislativo*: de duas uma, ou elle reserva ainda para si essa gloria, e confia pouco em vós, meu Vice-Rei, ou reflectiu maduramente no que prometteu; e vendo que o não poderia realizar, renunciou em vós essa *escura gloria*: em ambos os casos vos tem mettido no *langara*, de que vos fallei, e quer sem duvida dar cabo de vós. Vamos a responder ao tal argumentinho: eu vou suppôr

sula, porque vós tendes o cuidado de lhe encobrir o que se passa? Certamente não.

Se pois vós conseguissemos lançar fóra os inglezes, o que segundo as suas posições, numero do exercito, disciplina, bravura e excellente general, é quasi um impossivel; dizei-me em que estado ficaria o vosso exercito, depois de effectuar esta expulsão? Eu não dava por elle 20:00 homens em estado de combater. Ora bem vêdes, Massena,

Concurso para o Monumento da Guerra Peninsular, no Porto



PROJECTO DOS SRs. A. TEIXEIRA LOPES E J. TEIXEIRA LOPES, QUE OBTVE O SEGUNDO PREMIO

Senna e junto a Essone, e deixae-vos de petas e falsos luzeiros de gloria, é já tempo de descansar.

Antes de concluir a minha demonstração, é justo que vos desvaneça um argumento de *algibeira*, tirado da sciencia politica original de vosso Amo, com que, sei, vindes premunido e que unico se fósse verdadeiro, destruiria por uma vez a minha *proposição*. O vosso imperador julga como coisa infallivel, que o unico obstaculo que se tem opposto até agora á *conquista peninsular*, tem sido a existencia de um exercito inglez; e que uma vez expulso este, a conquista está no *papo*: primeiro que tudo quizera eu que o vosso *omnipotente* me dissesse porque não veiu elle em pessoa ao *bota-fóra inglez*, mui principalmente de-

uma hypothese, que segundo o que fica expendido, é quasi impossivel: supponhamos que os inglezes evacuem Portugal, julgaes vós e vosso Amo, que a Peninsula desanimava; estaes grosseiramente illudido, que a simples experiencia vos abra esses olhos sempre abotoados: ha anno e meio, que os inglezes evacuarão a Corunha, e nem por isso nos desanimamos, nem aquelles para voltarem de novo e pagarem-se com usura no mesmo Sout, que os tinha feito evacuar. E porque desanimariamos nós? Têm por ventura desanimado os Catalães, porque não têm visto exercito algum inglez? Desanimaram actualmente os Biscainhos, Navarros, Aragonezes e Castelhanos, que pôdem ignorar se existem inglezes na Penin-

que com pouco *biscoito* ninguem foi a cascarrilha, que não perdesse: Junot quiz assim jogar, ficou codilhado; Sout julgado grande mestraço do voltarete, levou um geral; o menos que poderia acontecer-vos seria o *gramardes* cinco primeiras: tornaes pois a levar para França o vosso argumento de *algibeira*; e lembraes-vos toda a vida, que os inglezes que saíram para Corunha, entraram pouco depois por Lisboa, e que a Peninsula é um *cesto*, que a não ser pela *aza*, que são os Pyrneos, por toda a parte lhe entra agua; ora os inglezes têm a propriedade da cortiça: logo os inglezes pôdem entrar por toda a banda para dentro do cesto: uso d'estas comparações, porque sei com quem fallo, e para quem exem-



plos *caseiros* valem mais que todos os discursos academicos.

A proposito, antes que esqueça, tenho ouvido por cá dizer, que mal chegasteis a Valladolid, logo mandasteis estampar uma *Proclamação* aos portuguezes, em que vos intitulaes em Vice-Rei, e os convidaveis a gosar da *sedida* protecção franceza. E' forte mania de proclamar a torto e a direito, de noite e de dia, sempre pelo mesmo theor, vós não sabeis, que para cá vão *borradas* todas essas letras redondas; que o mesmo é vê-las pregadas pelas esquinas, que logo chapar-lhe uma camada de lama, em que fiquem eternamente sepultadas; que entre nós até os rapazes sabem fazer proclamações de *protecção*; e que os cães de Lisboa chegarão a *proclamar* contra a perseguição que lhes fez o *memoravel* Lagarde; emendai vos d'essa feia balda, ou ide *proclamar* na Arabia deserta.

CONCLUSAO

Tenho feito por vos demonstrar a *in-conquistabilidade* da Hespanha, o *absurdo* de querer invadir Portugal, e aconselhado a maneira de subtrahir-vos á desgraça que vosso Amo vos prepara; n'isto tenho cumprido com os *deveres* de um bom portuguez com o *direito* que a posse me tem dado de aconselhar todos os marechaes, que pretendem entrar em Portugal, e finalmente com a *obrigação* que a egualdade das nossas altas dignidades me impõe. Não julgueis comtudo



PROJETO DO SR. J. GONÇALVES DA SILVA, QUE OBTVE O 3.º PREMIO
PROJETO DO SR. A. FERNANDES DE SÁ, MENÇÃO HONROSA

que dou uns conselhos e abraço outros, e que persuadindo vos que desistissem do Vice-Reinado de Portugal, me preparava para ir tomar posse de Piemonte. Pelo contrario, estou resolvido a não pôr pé fóra da minha patria; oxalá vós tivesseses feito outro tanto: estou convencido, que bem como um sonho me fez Vice-Rei, outro sonho me pôde fazer *Vice-Nada*; e que julgando-me grande homem e personagem d'altissima esphera, venha repentinamente *cahir de catambria* sobre algum profundo atoleiro, d'onde nem a pau possa tirar-me; prefiro a mediocridade que no tormentoso tempo em que desgraçadamente vivemos, se não é isenta de mil amarguras, é comtudo o estado mais supportavel e menos sujeito ás alterações d'atmosfera politica.

Não sei porque face, Vice-Rei olhareis esta minha comprida carta; se a estimareis pelos saudaveis e bem a tempo conselhos que vos dou, se a desprezareis, não vos dignando mesmo lê-la, por ser de um portuguez, que no vosso conceito é um povo barbaro; se, lendo-a, tomareis quanto vos digo por uma affronta a um dos principaes generaes da França, marechal, duque e principe, e que se enfeita para governar Portugal: seja qualquer que fór o caso que d'ella façaes, não é menos certo que para tudo estou preparado; o mais que podereis fazer me seria o de me proscreverdes em vossos decretos, pro metter um preço porminha cabeça, man-

dar-me fuzilar se me pilhasses; esse tem sido até agora o modo, com que vós ó vândalos civilisados, tendes tratado os individuos que vos tem dignamente combatido com a penna; ainda não ha quatro mezes mandastes confiscar dentro da Prussia os bens do prussiano Kotzue, redactor d'uma gazeta, e não o fuzilastes, porque a tempo se recolheu no seio da generosa Inglaterra; e se vós isto praticades nos paizes que não governaes, que fareis n'aquelles onde vossas armas entrassem triumphantes?

Adeus pois, Massena, perdoae se fui comprido n'esta carta, havia um anno que não pegava na penna para dizer verdades, estava sequioso de escrever; além de que a materia era vastissima e summamente interessante: se estivera na capital, não seria esta a ultima que vos enviára, mas estou mui longe da imprensa; limitar-me-hei por ora a esta, enquanto não vir o caso que fazeis de meus conselhos: bem certo em todo o caso, que serei sempre de vós com aquella consideração que deve ter o verdadeiro portuguez para com o francez moderno.

Portugal, 6 de julho de 1810.

L. S. O.

Lisboa. Na Imprensa Regia. 1810. Com licença.

O burro appareceu pela primeira vez na antiguidade, entre as populações de habitantes lacustres.

Carta

(EXCERTO)

A carta vai rimada. Agrada-te a ideia de sujeitar o afeto á doirada cadeia suavissima do verso?

Não parece que o amor que a rima assim modula brandamente se eleva e se espalha e ondula, em mil sonhos disperso?

Agrada, sei-o bem. A Harmonia é suave ou no ritmo dum verso ou no canto-duma ave!

Por cima deste mundo eu sinto perpassar num frémito divino, a Harmonia vibrante, como gaze que ondula ao clarão do luar, transfigurando um corpo impuro de bacante.

E á tarde, ao pôr do sol, na silenciosa praia, quando a brisa refresca a terra que tem sêde, quem não sente a Harmonia entre o sol que desmaia e a voz do pescador a concertar a rede?

E quando o temporal, em noites de inverno, verbasca brutalmente o pinheiral ao vento, quem não sente o clamor sinistro da Harmonia soluçante, a vibrar, num orquestral lamento...?

E quando pelo ceu se espalha a madrugada, como uma solução de estrelas purpuras, não traduz a Harmonia a infantil risada das aves e da luz, das flores e boninas?

Ou beije a viração o fresco laranjal, ou se contorsa o bosque aos braços dos tufões, a Harmonia é sempre a vibração ideal, chamando a todos nós da vida ás emoções.

A Harmonia é bela e em toda a parte vibra, quando geme o trigal ou restruge a floresta; é a repercussão em cada humana fibra da Natureza imensa, ou em pranto ou em festa.

Eu nem te sei falar do êxtase profundo, do frémito de luz, do arrepio de amor que a Harmonia provoca á algidez do mundo, como ao 'spelho dum lago a queda duma flor.

Será uma fusão, talvez á luz da aurora, da energia que expande o que é bom e o que é santo — ou seja a ave que canta ou seja a mãe que chora ou a mulher que lava o seu delicto em pranto — ?...

Seja lá o que fór... imerso em 'stranha luz, sinto nela vibrar, difundir-se o Ideal que deu o canto á ave e a bondade a Jesus e deu á terra inteira a alvorça matinal.

Lisboa, 3-10.

HERRANI CIDADEL.

A casa submarina

POB
Max Pemberton

(Continuado do n.º 1123)

XV

Continúa a leitura do diario de Ruth

«Maio, 5. — O meu pedido ao mar, foi ouvido. Jasper Begg está na ilha de Ken. Não me atrevo a pensar o que significa ou o que pôde significar isto para mim, mas o que sei é que encontrei um amigo que está a meu lado.

«Maio, 6. — Vi esta noite Jasper Begg. Não julgo que me tivesse enganado. E' a mesma cara e a mesma voz. Sempre disse que Jasper Begg era o melhor inglez que eu conhecia. E tanto no yacht como aqui na ilha, o seu porte cavalheiresco é sempre o mesmo. Porque Jasper é, sobretudo, um homem honrado a quem a vida do mar jamais alterou os sentimentos honestos. Deve ter agora os seus trinta annos, mas não perdeu o seu ar juvenil, e possui ainda uma encantadora timidez. Veiu aqui como cumpridor da sua promessa. Tem o navio pairando junto á ilha e quer que eu o acompanhe. Se elle soubesse a minha verdadeira situação!... Como pôde fugir uma mulher, quando a toda a hora do dia e da noite ha cem pessoas a vigia-la?

«Maio, 7. — Clair-de-Lune, o francez, veiu muito cedo esta manhã ao bungalow, dizer-me o que se tinha passado na ilha hontem á noite. Não sei se me alegre ou entristessa por isso. Não me pôde ajudar, não, mas tenho aqui um amigo e isso me dá animo. Se ha mulher que ajude um homem valente a conquistar a sua liberdade, serei eu, e Jasper Begg esse homem. Hontem estava completamente só, porém hoje tenho mais alguem a meu lado. Alegra-me, só de o pensar!

«Maio, 10. — Passei quatro dias em grande anciedade, talvez a maior que tenho tido em minha vida. O barco não voltou, e Jasper Begg continúa refugiado nos montes. Tem três companheiros com elle e todos os dias lhe mando comida. Como acabará tudo isto? Vigiam-me mais do que nunca, depois que sabem a sua estada aqui. Temo lhes succeda alguma desgraça que eu não possa evitar.

«Maio, 10 (á tarde). — Meu marido voltou de S. Francisco; sabe que Jasper Begg está aqui e fala d'elle continuamente.

«Temo-o ainda mais quando o vejo bondoso e confidencial.

«— Sei que o teu fiel capitão Begg está ahí. — disse-me Edemudo — mas, porque não apparece? Porque se esconde como um ladrão?

«Julga Edmudo que eu o tenho na conta de homem honrado...»

«São momentos perigosos, estes.

«Maio, 11. — Clair-de-Lune, segundo me disse Edmudo, foi enviado para o recife baixo. Não lhe perguntei porquê. Era elle quem protegia os meus amigos... Será verdade, ou estou sonhando? Jasper Begg, o unico homem que me protege, abandonado, para que morra como tantos outros n'esta maldita ilha! Não pôde ser! Tenho de esquecer tudo quanto tinha projectado. E, afinal, havia alguem que se lembrava de Ruth Bellenden, e veiu aqui por amor d'ella, e ella lembrava-se d'elle por amor de todos!...

«Maio, 13. — O sino de alarme tocou hontem á noite na ilha e sahimos apressadamente a refugiar-nos aqui. O terrivel nevoeiro estava-se levantando rapidamente, quando passei

pelo bosque em direitura á praia. Toda a gente corria para o recife baixo. Ainda não ha três mezes que tivemos a outra época de somno e não esperavamos que voltasse tão depressa. Esta noite não penso na minha situação mas na dos que estão lá para os montes. Que será feito de Jasper? Agora só penso n'elle e em mais nada! Pensará elle tambem em mim?

«Maio, 13 (á tarde). — A casa submarina é cavada no interior do recife que avança uma milha pelo mar, na parte N. da ilha.

«Não ha nada no mundo que se lhe compare.

«Ha mil annos, talvez, esta rocha solitaria, que se levanta sobre o mar, seria a cratera d'um vulcão. Hoje, serve de entrada a uma habitação, e quando se entra, vê-se que as cavernas interiores, são feitas pela propria natureza de modo tão extraordinario, que formam uma casa com grandes divisões, grandes corredores e poços que parecem descer até ao centro da terra. Só um homem de character romantico como meu marido, teria descoberto um sitio como este para converter em retiro tão maravilhoso.

«Imagine-se uma serie de casas, sobre as quaes se agitam as aguas; salões que recebem a luz pelas frestas e claraboias abertas na rocha viva e cobertas por vidros de crystal tão grosso, que o mar não pôde quebrar. Imagine-se ainda innumeraveis lampadas electricas illuminando todo este labyrintho, assemelhando-se a um palacio de fadas. Junte-se ainda mais, que a minha sala, é uma gruta cujas paredes parecem feitas de joias e o chão de jaspe.

«Tanto de noite como de dia, se escuta o assobiar do vento, bem como o fragor das ondas batendo de encontro aos cachopos.

«E' um mundo completamente diferente d'aquelle que conhecemos.

«Todos os habitantes de uma cidade de segunda ordem, poderiam achar aqui refugio, e ainda ficaria espaço.

«A minha habitação, é a primeira que se encontra; grandiosa e triste como uma igreja. apesar de ser mobilada com tudo quanto pôde desejar uma mulher. Sim! tudo quanto pôde desejar!

«No meu guarda-roupa, ha fatos feitos por Douse e chapéos executados por Alphonsine; joias da rua de la Paix; pelles do Canadá... tudo o que pôde recordar a minha vida de ha dois annos, aquella alegre vida de Paris e das outras capitães por onde andei quando era livre, quando o mundo era meu, quando só achava de menos a minha idade. Agora, recordo-me de tudo isso como se fora um dia brilhante na noite escura da minha viuvez. Tudo quanto desejo, meu marido diz que será meu, mas peço-lhe a liberdade e nega-ma!

«E' tarde já para crer em promessas ou para falar d'ellas. Se eu lhe dissesse: «A tua vida será a minha, os teus segredos serão os meus; obtem riquezas, nunca te perguntarei d'onde te veem.» Se eu lhe dissesse: «Esquecerei tudo quanto tenho visto na ilha; esquecerei a agonia dos infelizes assassinados aqui; esquecerei os gritos dos desgraçados que se afogam, não verei as mãos dos que as levantam a implorar o teu perdão, nem os cadáveres que as ondas arrojam á praia. Esquecerei tudo isso e dir-te-hei que te amo e que creio em ti!...» Ah! quão depressa teria então a liberdade!

«Mas, emudeci... não posso falar.

«Morrerei na ilha de Ken, dizendo sempre: «Deus recolha em seu seio, as infelizes victimas do meu marido!»

(Continúa).

RICARDO DE SOUZA.

NOTAS LYRICAS

Vão rareando os espectáculos em S. Carlos, por isso d'esta vez pouco tenho que dizer.

A sr.^a Storchio e o tenor Carpi, continuam a ser ovacionados na *Manon* de Massenet, únicas noites em que vemos o publico com vontade de applaudir, e n'isto damos-lhe inteira razão, pois que são dois artistas de primeira ordem!

Tivemos a *Cavallaria Rusticana*; como estivesse doente a sr.^a Judice da Costa, a parte de

Santuzza foi cantada pela sr.^a Clara Joanna, que revelou ser artista segura sendo applaudida no fim da opera.

O tenor De Tura, tenor de boa voz, e Mantelli cantora intelligente, sendo uma *Lola* apreciavel.

Orchestra incerta sob a direcção do maestro Bossa.

A *reprise* do *Rigoletto* com o barytono Nani e tenor Carpi, foi uma noite de pouco entusiasmo, em virtude da cantora Scafidi sentir-se de tal fórma doente que prejudicou quasi toda a execução.

Nani ainda assim, apesar de estar doente tambem, deu alma á personagem como provou no 3.^o acto.

Carpi, cantou toda a opera muito bem, sendo a *romanza* do 3.^o e a canção do 4.^o acto bellamente executadas.

Orchestra e côros incertos sob a batuta de Mascheroni que os deixa á vontade!

Brevemente teremos a *Africana* com o tenor Biel, escriptura do telegraphicamente para substituir o tenor Giraud.

Durante a epoca cantaram-se as seguintes operas: *Damnation do Fausto*, *Palhaços*, *Carmen*, *Manon*, *Cavallaria Rusticana*, *Gioconda*, *Africana*, *Samsão e Dalila*, *Othelo*, *Rigoletto* e *Traviata*.

Operas novas para Lisboa, a *Wally* de Cataloni, que foi recebida com applausos, e *Hansel e Grätel* de Humperdinck, que foi recebida friamente pelo publico, apesar de ser uma obra prima de orchastração!

Os artistas mais applaudidos fóram, a celebre Storchio, Carpi, De Luca, De Lerma, Judice da Costa, Mantelli, Toschi e Nani.

Real Teatro de S. Carlos



EUGENIA MANTELLI

A conhecida cantora Eugenia Mantelli, tão conhecida do nosso publico de S. Carlos em outras epocas, e que este anno em todas as operas que tem cantado, tem revelado ser uma artista intelligente e de bella escola, acaba de resolver fixar residencia de resolver fixar residencia em Lisboa, dedicando-se ao ensino de canto e piano.

A sr.^a Mantelli é laureada do Real Conservatorio de Milão, e professora diplomada de canto e piano. Além do nosso S. Carlos, tem cantado nos theatros de Berlim, Buenos Ayres, Cnili, Florença, Genova, Londres, Milão, Moscow, Mexico, Napoles, Nova York, Rio de Janeiro, Varsovia, Veneza, Roma, etc., tendo sido recebida pela critica bellamente.

Como professora, estamos certos que a sr.^a Mantelli dará provas da sua illustração. A sua residencia rua de Belver, 1, r/c, sabemos nós que teem ido varios pedidos, contando a sr.^a Mantelli já seis discipulas, senhoras da nossa primeira sociedade.

Ao publicarmos hoje o seu retrato prestamos-lhe assim a nossa humilde homenagem.

«Don Quichotte»

No proximo numero publicaremos um artigo sobre esta nova opera de Massenet, cantada ha dias com grande applauso em Monte Carlo.

Em a noite de 22 terminou a estação lyrica n'este theatro com a opera *Gioconda*, em virtude da *Africana* ter tido um desempenho bem pouco regular.

Reconduzidos para a proxima epoca: o baixo Damasco, o generico Niola, a Storchio para cantar a *Boheme*, *Linda* e *Buttuffly* e maestros Mascheroni e Bossi.

Já estão escripturados os artistas: tenor Perea, e sopranos Gagliardi e Nina Garelli.

Colyseu dos Recreios

No proximo numero, inauguraremos as noticias sobre as operas cantadas n'este theatro. Do elenco fazem parte cantores conhecidos, e espera-se a vinda da distincta soprano Maria Galvany.

A. PINTO (SACAVEM).

O professor conselheiro Virgilio Machado

A'cerca da ultima obra publicada pelo sr. conselheiro dr. Virgilio Machado, sobre *Aplicações medicas e cirurgicas da electricidade*, encontramos uma referencia, na *Zeitschrift für medicinisch Elektrologie*, revista bibliografica, que folgamos poder registar aqui, como extremamente honrosa para o illustre professor e cientista, que tanto se tem distinguido na applicação da electricidade á terapeutica. Do elogio, que a referida revista faz da obra, extratamos os seguintes periodos:

«Abstraindo do seu conteúdo, de grande ensinamento, e do conhecido nome do autor, nota-se neste livro logo á primeira vista um extraordinario interesse. Uns quarenta quadros, largamente demonstrados, por um metodo original de classificação, dão a conhecer ao leitor os importantes resultados do electrodiagnostico e da electroterapeutica geralmente adotada nos nossos tratados.

O autor, que tem enriquecido a literatura medica com mais de quarenta trabalhos sobre electroterapia e catgologia, concorre, nesta sua ultima obra, com uma importante contribuição para o estudo da moderna sistematização dos agentes electricos. Entendemos que seria de toda a conveniencia fazer uma analyse desenvolvida, afim de tornar conhecido este trabalho dum maior numero de leitores.»

Além desta apreciação tão honrosa para o sr. dr. Virgilio Machado como para o nosso meio científico, sabemos que o director da *Zeitschrift für medicinisch Elektrologie*, fez uma conferencia na redacção sobre o assunto da obra, e que a mesma va ser traduzida em alemão.



PUBLICAÇÕES

O Gafanhoto. — *Quinzenario para creanças.* — Director, Lopes de Mendonça e Thomaz Bordallo Pinheiro. — Proprietarios, Francisco Alves & C.^a e Thomaz Bordallo Pinheiro. — Aparece agora uma segunda serie deste quinzenario, que teve por algum tempo interrompida a publicação, e aparece muito melhorado na parte illustrada e com muito brilho na literaria, para o que bastará saber-se ser dirigida pelo laureado escritor Lopes de Mendonça.

Neste genero de publicações não se faz melhor lá fóra, onde aliaz tem grande mercado. Entre nós representa um esforço de vontade o tental-as, em vista do limitado consumo das coisas literarias, por mais interessantes que se apresentem, sendo por isso mesmo digno da protecção do publico, se quer ter para seus bebés uma publicação apropriada que lhes faça crear gosto pela leitura.

Fabrica a vapor de conservas alimenticias. — *Ferreira Brandão & C.^a* — Ovar e Furadouro. — Um lindo crómo, em ponto grande, representando uma rapariga peixeira ovarina com a respectiva canastra pousada no chão, onde se vê grande quantidade de sardinhas, de que esta fabrica faz conservas para exportação.

O crómo é um bello trabalho executado nas officinas da Litografia Nacional, do Porto.

